

# Construção de objetos de discurso: considerações em casos que o referente é um ator da vida social<sup>1</sup>

---

*Francisco Alves Filho*  
Universidade Federal do Piauí

*Maria Lourdilene Vieira*  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Analisamos diferentes estratégias referenciais utilizadas pelo locutor para construção da argumentação no texto: casos de construção de objetos de discurso quando o referente é um ator da vida social, em textos jornalísticos. Baseamo-nos na concepção de instabilidade constitutiva dos discursos (Mondada e Dubois 2003 [1995]) e nas diferentes estratégias de evolução dos referentes na cadeia textual (Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995). O que se afirma na predicação, ainda que de forma avaliativa, aponta para uma maior circunstancialidade: aparece mais com valor de informação; o que se afirma na expressão referencial aponta para uma menor circunstancialidade: a informação adquire mais caráter de verdade.

**Palavras-chaves:** recategorização; argumentação; nome próprio.

**Abstract:** This article analyzes the different reference strategies used by the speaker for constructing argumentation in the text: cases of construction of the object of speech when the referent is an actor of the social life. The corpus of this investigation is composed of journalistic texts. The investigation is based on two theories - the conception of the constitutive instability of speech (Mondada and Dubois (2003 [1995]) and the different evolution strategies of referents in the textual string (Apothéloz & Reichler-Béguelin -1995). In relation to the predication, we found that there is a greater circumstantiality - it appears more with a value of information.

---

1. Recebido em 01/07/2011. Aprovado em 29/09/2011.

With respect to referential expressions – there is a lower circumstantiality: the information / evaluation acquires a truer character.

**Keywords:** recategorization; argumentation; first name.

**Resumen:** Analizamos las diferentes estrategias utilizadas por el locutor para la construcción de la argumentación en el texto: casos de construcción referencial de objetos de discurso cuando el referente es un actor de la vida social en textos de la esfera periodística. Nos basamos en la concepción de inestabilidad constitutiva de los discursos (Mondada y Dubois 2003 [1995]) y en las diferentes estrategias de evolución de los referentes en la cadena textual (Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995). Lo que se afirma en la predicación, aunque forma evaluativa, apunta para una mayor circunstancialidad: aparece más con valor de información; lo que se afirma en la expresión referencial apunta para una menor circunstancialidad: la información adquiere más un carácter de verdad.

**Palabras clave:** recategorización; argumentación; nombre propio.

## Introdução

Analizamos diferentes casos de construção referencial, considerando o pressuposto de que diferentes estratégias de evolução/recategorização dos objetos de discursos/referentes constroem efeitos de sentido diferenciados. Defendemos ainda que o *status* referencial do objeto de discurso interfere na construção referencial dos mesmos, nos casos em que são apresentados sob um ponto de vista avaliativo, sobretudo, negativo.

Para tanto, utilizamos textos da esfera jornalística – são textos, sobretudo, de revistas e blogs de jornalistas – vinculados a gêneros discursivos de caráter argumentativo. Temos em vista construções referenciais visivelmente marcadas por uma avaliação axiológica do locutor ao referente principal, aquele que é mantido em foco ao longo de toda a cadeia textual.

Este trabalho propõe uma ampliação da pesquisa desenvolvida em Vieira (2010), no qual se fez uma investigação das inter-relações entre expressões

referenciais e predicções na construção de objetos de discurso. Aqui, nosso foco recai sobre a construção referencial de atores sociais individuais, examinando estratégias referenciais e efeitos de sentido, em casos em que o objeto de discurso é construído sob um ponto de vista negativo.

Sempre tendo em vista as complexas relações entre expressão referencial e predicação, analisamos casos em que: a) o locutor designa o objeto de discurso por um nome próprio e o avalia por meio da predicação; b) o locutor avalia o objeto de discurso por meio de uma expressão referencial e/ou pela predicação; c) o locutor avalia o objeto de discurso por meio da categorização de objetos de discurso concebidos como de outro *status* referencial, como a referência coletiva e a referência genérica.

Partindo da noção de referenciação, nos baseamos na concepção de instabilidade constitutiva dos discursos, defendida por Mondada e Dubois (2003), e nas estratégias de evolução da referência, apontadas por Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995): a transformação marcada ou operada pelo anafórico; a transformação marcada pela predicação e desconsiderada posteriormente pelo anafórico e a transformação marcada pela predicação e posteriormente homologada pelo anafórico.

## **A instabilidade constitutiva dos objetos de discurso**

Já no início de nossas considerações, ressaltamos que, ao assumirmos a concepção de referenciação enquanto um processo alimentado pela atividade discursiva, admitimos que tanto a língua constrói a realidade como é alimentada pelo que esta lhe oferece. Afirmar isto consiste em entender que o discurso constrói a referência com base em elementos dos diversos mundos (real, imaginário, ficcional, memorial etc.). No entanto, não significa entender que as palavras da língua *representam* biunivocamente estes elementos, ou ainda que as características destes sejam dadas *a priori* à atividade linguística (cf.: Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995).

Baseados neste critério, lembramos do questionamento levantado em Mondada & Dubois (2003 [1995]) sobre *instabilidade* e *estabilidade*, ambas,

segundo as autoras, constituídas a partir de produções sociodiscursivas dos sujeitos situadas histórica e culturalmente. Sobre a instabilidade constitutiva dos discursos, Mondada & Dubois dão ênfase às noções de *objetos de discurso* e de *categorização*. Todo o pensamento das autoras está organizado a partir de uma contra-argumentação à concepção de que a linguagem disporia de um poder referencial calcada na ideia de existência de “uma língua perfeita em adequação total com o mundo”. Isto equivaleria pressupor a existência “de uma segmentação *a priori* do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas (...), [numa] relação de correspondência entre uma e outra” (Mondada & Dubois 2003 [1995]: 18).

As autoras contrapõem-se a tal ideia e defendem que “as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são preexistentes nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos” (Mondada & Dubois 2003 [1995]: 18). É neste ponto que as autoras introduzem a questão da instabilidade constitutiva dos discursos, de modo que, sendo elaborados a partir dos diferentes contextos discursivos, os objetos de discursos são instáveis, já que são construídos tendo em vista a produção de sentido que, normalmente, é diferenciada se temos em vista os diferentes contextos e as diferentes finalidades dos textos.

Contudo, como discutido em Alves Filho (2010), tanto a instabilidade como a estabilidade são relativas e dependem do ponto de vista adotado. Uma construção referencial pode ser tomada como instável em relação a outras construções no interior de um texto e, no entanto, do ponto de vista discursivo e dialógico, resultar de uma grande estabilidade axiológica. Em função disso, defendemos que não se deveria julgar a instabilidade apenas comparando construções referenciais diferentes em relação a uma mesma realidade, mas também comparando e contrastando entre si os sujeitos situados em suas práticas de discurso.

Considerando esta noção na análise dos textos, vemos como os objetos de discurso são construídos tendo em vista o sentido pretendido pelo locutor e guiados pelo dialogismo no qual eles se inserem. Logo, a forma que um objeto

de discurso aparece em dado texto é particular, não coincide com o objeto do mundo. É, portanto, o resultado de uma construção, que, na literatura de referência, recebe o nome de construção referencial.

Neste sentido, analisamos essa construção referencial em textos, cujos referentes/objetos de discurso são atores do meio social, tendo em vista, mais especificamente, casos de pessoas vinculadas ao cenário político e social brasileiro, como podemos visualizar a partir da leitura e da análise de (01), abaixo:

(01)<sup>2</sup> (...) O desprezo do presidente Lula pelas leis, normas, fiscalizações e tudo o que se possa interpor entre ele e seu projeto de perpetuação no poder, muito mal disfarçado na (pré) candidatura de sua ex-ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, beira a imprudência, oculta pela sua sensação de onipotência, que tende a aumentar.

(...) O busílis do problema desses sobrevoos da impunidade às leis é o chamuscamento da imagem do País pelo mau comportamento do presidente, este comensal estabanado no banquete do poder, ao ponto de desafiar a Justiça quando ela lhe sinaliza, por mais de uma vez, que se aproxima a oportunidade de um desagradável, mas cada vez mais indispensável chamamento às falas, de maneira, digamos, mais assertiva (ACIMA da lei. Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/politica/acima-da-lei/?ga=dtf> – acesso em: 09/06/2010).

Em (01), o referente *presidente Lula* é recategorizado a partir da expressão referencial este comensal estabanado no banquete do poder, que corrobora a ideia defendida de que *o presidente* teria um projeto de perpetuação

---

2. Usamos as seguintes marcações nas expressões dos textos que analisamos: fonte Forgotten Futurist para expressões referenciais; fonte *Baskerville Old Face* e sublinhado para predicações e *itálico* para o referente/objeto de discurso.

no poder e, de acordo com o texto, é capaz até de descumprir as leis impostas para atingir tal intento. A expressão referencial este comensal estabonado no banquete do poder mantém relação com os demais elementos que constroem a cadeia textual e que, também, são responsáveis pela construção referencial do objeto de discurso *presidente Lula*.

Vemos, em (01), como o(s) objeto(s) de discurso é(são) apresentado(s) sob determinado ponto de vista. Assim, a referenciação corrobora um sentido pretendido, que, por sua vez, está permeado por uma argumentação, por uma avaliação axiológica. Considerar isto significa entender também que todos os elementos que fazem parte da cadeia textual alimentam a construção referencial, e não somente as expressões que categorizam objetos de discurso introduzidos e/ou retomados no texto.

Nosso foco parte justamente da ideia de que os referentes são objetos de discurso e, portanto, resultados de construções discursivas, que constituem sentidos particulares. Porém, pretendemos chegar a uma outra questão, mais particular. Para isso, partimos do pressuposto de que, dada a natureza referencial do objeto de discurso, o locutor utiliza de estratégias referenciais diferenciadas para construção dos mesmos. Assim, na referenciação, o fato de uma avaliação aparecer vinculada à expressão referencial ou à predicação constitui efeitos de sentido diferenciados (cf.: Vieira 2010). Antes que analisemos os casos que melhor explicitam esta ideia, buscamos um ponto de vista teórico sobre as diferentes estratégias de evolução da referência na cadeia textual.

### **Estratégias de evolução da referência na cadeia textual**

Nesta seção, usamos as considerações de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) sobre evolução da referência. Os autores consideram que, para um mesmo objeto de discurso, o locutor dispõe de “uma série aberta de expressões linguísticas” (1995:242) oferecida a ele pelo léxico de sua língua. Logo, caberá

a este locutor escolher a(s) que considera mais adequada(s) ao sentido que pretende construir no seu discurso, podendo ainda fazer recategorizações, seja por meio do ajuste ou do recorte de expansões, modificando, desta forma, o estatuto referencial, a carga informativa de determinada entidade introduzida na cadeia textual.

Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) apontam para três casos mais frequentes de evolução da referência e de designação. Na primeira, *o anafórico é o responsável pela evolução do objeto de discurso*, neste caso, o objeto é introduzido na cadeia textual e, quando retomado referencialmente, a informação veiculada pela expressão anafórica recategoriza o objeto de discurso. Visualizemos isto com um exemplo já discutido pelos próprios autores:

(02) O reflexo conservador surpreendeu o vizinho gaulês. A adoção pelo Parlamento da lei Toubon contra o “franglês” é um exemplo bastante ridículo.

Esta nova anglicização da língua, vista na bancada da legislação, é reveladora da ingenuidade que põe a prova os políticos quando se afiguram poder controlar o incontrolável por grandes modelos de decretos (Citado por Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995: 248).

Este exemplo os autores usam para exemplificar um caso de evolução referencial anafórica por meio de uma recategorização lexical explícita que tem em vistas uma argumentação. Aqui, a recategorização se dá por meio de uma expressão referencial portadora de um argumento que corrobora um direcionamento para um certo ponto de vista defendido. No texto, este argumento é evidenciado na expressão Esta nova anglicização da língua.

A segunda estratégia de evolução da referência apresentada pelos autores é a que acontece por meio de *um atributo predicado ao objeto e, no entanto, posteriormente, desconsiderado pelo anafórico*. A evolução da referência ocorre, neste caso, por meio da predicação atribuída ao objeto de discurso.

Analisemos o exemplo abaixo com base no que já nos disseram Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995):

(03) Aostra, da grossura de um calhau médio, é de uma aparência muito enrugada, de uma cor meio uniforme, brilhantemente esbranquiçada. É *um mundo obstinadamente fechado*. No entanto, pode-se abri-la: é preciso tê-la no oco de um esfregão, servir-se de um corte fechado e pouco franco; isso se faz várias vezes (Citado por Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995: 261).

Em (03) o objeto de discurso é introduzido no texto a partir da categorização Aostra, posteriormente, recebe o atributo de ser *um mundo obstinadamente fechado*, mas o anafórico ulterior desconsidera esta informação e retoma o objeto de discurso pela forma pronominal la, numa alusão à expressão, no feminino, introdutora do objeto de discurso. Desta forma, desconsidera a recategorização evidenciada na predicação *é [ser] um mundo obstinadamente fechado*, no masculino.

A terceira estratégia podemos afirmar constituir-se como uma soma das duas anteriores, isto porque, segundo os autores, acontece quando *um anafórico posterior “homologa” uma informação já predicada ao objeto de discurso*. Neste caso, temos um objeto de discurso introduzido na cadeia textual, a este objeto de discurso predica-se algo e, em seguida, na retomada, a expressão anafórica já surge em decorrência do que se predicou anteriormente. Visualizemos melhor tal estratégia com base num outro exemplo, também retirado dos autores:

(04) [Resumo de um relatório sobre os crimes da guerra na Bósnia]

Cinco páginas somente, mas elas são terríveis. Elas mostram que as forças sérvias violaram 20.000 mulheres e crianças muçulmanas,

e que têm sistematicamente praticado o estupro como *arma de guerra*, continuando até hoje a praticá-la (Citado por Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995: 263).

No exemplo acima, temos o objeto de discurso categorizado como o estupro. Sobre este objeto de discurso é atribuída a informação de que ele tem sido usado como *arma de guerra*, a homologação da informação numa expressão referencial acontece posteriormente apenas pela forma pronominal la, que alude à forma no feminino *arma de guerra*, em detrimento àquela que introduz o objeto de discurso no texto, o estupro, no masculino. Os autores rotulam de “homologação da aquisição do discurso” (p. 262) o fato de um anafórico posterior homologar uma informação já predicada, consiste, portanto, em rotular numa expressão referencial uma informação fornecida acerca de dada entidade referencial.

Voltemos, mais uma vez, para o caso de (01). A expressão este comensal estabanado no banquete do poder apresenta o ponto de vista do locutor. Mas esta expressão referencial surge já com base em informações que vinham sendo fornecidas ao longo da cadeia textual. Diferentemente do exemplo de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), não temos um atributo fornecido de forma pontual numa palavra que marque cotextualmente essa evolução/recategorização, que acontece com base em informações já predicadas.

Pelo sentido com que o referente *presidente Lula* vem sendo construído na cadeia textual, é que é possível relacionarmos o sentido da expressão referencial este comensal estabanado no banquete do poder com informações anteriormente predicadas ao objeto de discurso, dentre outras, de que o presidente teria um projeto de perpetuação no poder e para atingi-lo já agia de forma imprudente, numa sensação de onipotência que faz como que viole até mesmo as leis já estabelecidas.

## Casos de construção referencial de pessoas/atores da vida social

Vieira (2010), conforme já ressaltamos anteriormente, investiga as inter-relações existentes entre expressão referencial e predicação na construção dos objetos de discurso em cadeias textuais. Desta forma, mostra que, em decorrência da natureza referencial dos objetos de discurso, as estratégias de construção referencial costumam ser diferenciadas. Algo que julgamos estar vinculado ao *status* social do referente, tornado objeto de discurso e construído discursivamente.

Em nossas investigações sobre inter-relações entre expressões referenciais e predicações, fomos descobrindo que esse movimento entre expressão referencial e predicação pode nos conduzir a conclusões interessantes acerca da construção dos sentidos do texto. Isto porque pela análise dos textos, vimos como é diferenciada uma informação ao referente ser introduzida no discurso por uma expressão referencial, pela predicação ou por ambas, por exemplo.

Neste artigo, consideramos que as diferentes estratégias referenciais utilizadas pelo locutor para (re)categorização dos objetos de discurso – e aqui tomamos por base as estratégias de evolução da referência, conforme explicitadas por Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) – produzem efeitos de sentidos diferenciados na construção da argumentação do texto. Para tanto, analisamos casos de construção referencial de pessoas com grande notoriedade no cenário político brasileiro, nos casos em que figuram como objeto de discurso principal da cadeia textual, detendo-nos sempre na inter-relação entre o que é informado na expressão referencial e na predicação, no processo de referenciação. Analisamos conjuntamente a referenciação dos objetos de discurso concebidos como de outro *status* referencial, como a referência coletiva, a referência genérica ou a referência a eventos, que corroboram a referenciação do referente, da pessoa, no sentido individual.

No trecho de texto abaixo, mesmo havendo a designação referencial de várias entidades/referentes, há na cadeia textual um referente principal, identificado, já no início, a partir da expressão O senador Mercadante, que

designa uma pessoa. Nas retomadas anafóricas seguintes, as expressões referenciais são formadas pelo nome próprio ou por um pronome que retoma diretamente este nome próprio ou ainda pela categorização o senador, que, neste caso, tem em vista uma função do referente no meio político atual. Em contrapartida, considerando a predicação, construímos o objeto de discurso a partir de outras informações, a partir de vários atributos:

(05) (...) O senador Mercadante, já sem controle da bancada que acreditava liderar, *passou a protagonizar um vexame atrás do outro*. Depois de desistir da farsa uruguaia, ainda ouviu um sermão de Ricardo Berzoini e Gilberto Carvalho. Os dois disseram a o senador que o governo não aceitava sua posição dúbia e que ele deveria substituir, sim, Delcídio Amaral e Ideli Salvatti no Conselho de Ética. Mercadante, então, *ameaçou pela primeira vez renunciar à liderança do PT no Senado*. Embora ninguém tenha pedido que ficasse, ele não consumou a ameaça, advertido por Berzoini de que ainda poderia ficar sem legenda para disputar a eleição paulista de 2010 (...).

No rol de humilhações, a cúpula do PT produziu mais uma para enquadrar Mercadante. Exigiu que ele lesse uma nota do partido orientando os senadores a votar pela absolvição de Sarney. Quem acabou lendo a nota foi o suplente João Pedro. Delcídio e Ideli passaram a sessão calados e cabisbaixos, com o rosto enfiado em jornais e revistas, para fugir das câmeras de televisão. Na hora de votar, disseram “sim” para Sarney fora dos microfones. Mercadante anunciou que renunciaria à liderança do partido. O senador chegou a marcar a hora do discurso da renúncia, a qual anunciou como “irrevogável”. Mas, depois de uma conversa com Lula, a coragem passou. Ele então fez uma das mais convolutas piruetas político-semânticas de que se tem notícia. Mercadante conseguiu o feito digno de guru indiano de “renunciar à renúncia” e “revogar

*o irrevogável”. Continuará liderando a tropa petista sobre a qual ele já não exerce liderança alguma* (“É PARA salvar o Sarney”, *Revista Veja*, Edição 2127, 26/08/2009).

Sendo o nome próprio e a retomada pronominal que constituem a maioria das expressões referenciais é, portanto, pela predicação que se introduz discursivamente várias outras informações acerca do referente *Aloízio Mercadante*, que avaliam o objeto de discurso sob um ponto de vista negativo. Pelas informações das predicações, construímos o objeto de discurso como alguém que, por mais de uma vez, não cumpriu com o que afirmou publicamente; que passou por vários vexames públicos; que se submeteu a renunciar uma renúncia já anunciada publicamente; que, mesmo continuando como ‘líder do PT’, já provou que não exerce nenhuma liderança etc.

No entanto, o locutor não *homologa* (cf.: Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995) estas informações numa expressão referencial posterior. As informações que avaliam negativamente o objeto de discurso figuram, desta forma, mais com caráter de informação e menos com um valor referencial: as designações referenciais tendem mais para uma neutralidade (O senador Mercadante, o senador, ele, Mercadante), ao passo que a predicação, no tempo que recategoriza o objeto de discurso, acrescentando informações, o avalia negativamente (passou a protagonizar um vexame atrás do outro, ameaçou pela primeira vez renunciar a liderança do PT no senado, não consumou a ameaça, anunciou que renunciaria à liderança do partido, chegou a marcar a hora do discurso da renúncia, a qual anunciou como “irrevogável”, então fez uma das mais convolutas piruetas político-semânticas de que se tem notícia, conseguiu o feito digno de guru indiano de “renunciar à renúncia” e “revogar o irrevogável”, Continuará liderando a tropa petista sobre a qual ele já não exerce liderança alguma).

Acreditamos que a própria natureza ontológica do referente pode interferir nessa forma de construção referencial. Se consideramos que, na designação de pessoas, apesar de possuímos a liberdade de categorização por meio de termos do léxico que condigam com o sentido a ser construído num texto, o nome próprio surge como uma forma de se fazer uma referência direta à entidade designada, neste caso proporcionando maior objetividade na designação referencial. A designação de uma pessoa por meio de seu nome (próprio, de batismo ou aceito na comunidade a qual faz parte (cf.: Maingueneau 2008)) normalmente é neutra, não possui uma apreciação axiológica.

Na construção da argumentação, uma informação de caráter avaliativo veiculada na expressão referencial é mais forte e comprometedora que sugerida na predicação. Isto, de certa forma, resguarda o locutor acerca do comprometimento com o que diz: no texto, em nenhum momento *Mercadante* é designado por uma expressão referencial negativa. O referente é sim construído sob um ponto de vista negativo, porém a partir do que é sugerido pelo que se afirma na predicação.

Em (06) temos a construção de um objeto de discurso principal, como em (05), que também é construído sob um ponto de vista negativo. Neste caso, no entanto, temos uma construção diferente:

(06) Uma notícia divulgada pelo (sic) UOL nesta terça-feira revelou a mais recente descoberta de Dilma Rousseff: “Antes de Lula, o Brasil estava afunhinhado”, acaba de informar a candidata. Não existe o verbo *afunhunar*. Nem a expressão *afunhinhado*. Se Dilma *achou que existia, deve-se investigar imediatamente o diploma do colégio*. [Ele/o diploma] *Pode ser tão falso quanto o curso de doutorado*. Se [Dilma] *resolveu inventar um neologismo, deveria primeiro acrescentar ao vocabulário de 300 palavras algumas já existentes*.

Admita-se, por misericórdia, que o neurônio solitário tenha tentado dizer ‘afunhanhado’ (do verbo ‘afunhanhar’) e acabou trocando o a pelo u. ‘Afunhanhar’ não está no Aurélio. Mas aparece no Dicionário inFormal da internet, com dois significados:

1. Apertar-se em algum canto. Se foi isso o que quis dizer, Dilma ignora o que até Lula sabe: o Brasil ainda tem pouca gente para muita terra.
2. Transar; fazer sexo; comer alguém. Se foi isso o que Dilma quis dizer, então os estragos no cérebro são bem maiores do que se imaginava.

Em qualquer hipótese, a pergunta perturbadora se impõe: o que têm contra o Brasil os eleitores que acham que o país merece uma coisa dessas na presidência da República? (DILMA descobre que o Brasil esteve afunhanhado. Agora só falta explicar o que é isso. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/agosto-nunes/tag/dilma-rousseff/> – acesso em 09/06/2010).

À semelhança do caso anterior, (05), temos a construção referencial de uma pessoa, designada referencialmente a partir do nome próprio (*Dilma Rouseff*). As informações inseridas por meio das predicções também avaliam o referente sob um ponto de vista negativo (Se [Dilma] achou que existia, deve-se investigar imediatamente o diploma do colégio. [Ele/o diploma] Pode ser tão falso quanto o curso de doutorado, ignora o que até Lula sabe: o Brasil ainda tem pouca gente para muita terra etc.).

No entanto, neste caso, o ponto de vista é apresentado de forma mais direta, mais contundente, tanto pelo que é afirmado na predicação, como na categorização de outros referentes que, pelo sentido do texto, estão intrinsecamente vinculados à construção referencial do objeto de discurso principal (*A mais recente descoberta de Dilma Rouseff, o neurônio solitário, os estragos no cérebro*) e, sobretudo, pela *homologação* (cf.: Apothéloz & Reichler-Béguelin 1995), numa expressão referencial posterior, de

tudo que se afirma sobre o referente ao longo da cadeia textual (uma coisa dessas). Esta aparece dentro de uma interrogação que marca ainda mais esse sentido pejorativo (“o que têm contra o Brasil os eleitores que acham que o país merece uma coisa dessas na presidência da República?”).

O tom pejorativo que a expressão uma coisa dessas veicula está intrinsecamente vinculado aos elementos do cotexto, bem como ao contexto discursivo. A expressão categoriza anaforicamente as informações anteriormente predicadas ao objeto de discurso, conforme vimos, homologando referencialmente estas informações. No entanto, essa homologação pode não estar evidenciada num valor lexical dos termos que constituem a expressão referencial anafórica, mas pelo sentido que é construído ao longo da cadeia textual, que marca potencialmente o argumento negativo da expressão uma coisa dessas, do texto em questão: a partir do que se afirma, temos uma coisa dessas, resultado de uma construção.

A própria temática do texto já corrobora a pejoratividade com que o referente é construído: o texto tem em vista argumentar sobre o fato de, numa declaração pública, a candidata Dilma Roussef ter supostamente pronunciado a palavra *afunhundo*, segundo o locutor, inexistente na língua portuguesa, ou seja, tudo já parte de um preconceito linguístico do locutor.

Em (07), a expressão referencial que avalia o objeto de discurso sob determinado ponto de vista, tem em vista o conhecimento prévio do interlocutor, que, por sua vez, fará as inferências (cf.: Koch 2008) necessárias para interpretação da expressão referencial que recategoriza o objeto de discurso, inicialmente designado pelo nome próprio Dilma Roussef, em seguida recategorizado pela expressão a candidata e, finalmente, avaliado e mais uma vez recategorizado como a sucessora que Lula inventou. A expressão a sucessora que Lula inventou, ao mesmo tempo que recategoriza, marca o ponto de vista do locutor, que avalia negativamente o objeto de discurso:

(07) Dilma Rousseff desistiu nesta terça-feira de comparecer à sabatina Folha/UOL marcada para o dia 17. Demorou quatro meses para aceitar o convite. Acaba de descobrir que precisa viajar para o exterior. Os conselheiros da candidata certamente ficaram afunhados, ou afunhados, ou funhados. Não com a UOL, que pôs no ar o áudio assombroso, mas com mais uma performance espantosa da sucessora que Lula inventou (...) (A FUGA não vai durar cinco meses. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/tag/dilma-rousseff/> - acesso em 09/06/2010).

Esse ponto de vista negativo é, também, até certo ponto, evidenciado a partir do que vem sendo informado na cadeia textual, sobretudo, via predicação: de a candidata ter desistido de comparecer a uma sabatina que levava quatro meses para aceitar participar, com o *pretexto* de que viajaria para o exterior. Mas é a designação a sucessora que Lula inventou, que já aparece encaixada numa outra designação (uma performance espantosa da sucessora que Lula inventou) que marca decisivamente o ponto de vista negativo do locutor que, com esta categorização tem em vista o conhecimento prévio de seu interlocutor de saber que *Dilma Rousseff* naquele momento figurava como pré-candidata do PT à presidência da República, então partido do atual presidente Lula.

Em construções como os de (06) e (07), o locutor homologa numa expressão referencial seu ponto de vista, ou seja, a expressão referencial recategoriza o objeto de discurso e o apresenta sob determinado ponto de vista, nos dois casos, negativos. A avaliação, desta forma, não aparece apenas com caráter informativo ou circunstancial como quando aparece na predicação (como acontece em (05)), mas com um maior acento de valor, de verdade, já que o objeto de discurso é designado referencialmente numa expressão referencial que o rotula a partir de um ponto de vista determinado.

Nos casos de (06) e (07), construções diferentes têm em vista o mesmo referente mundano, cada construção, por sua vez, visa corroborar o sentido do texto. Nestes dois casos podemos visualizar bem a questão da instabilidade constitutiva dos objetos de discurso, da qual tratam Mondada & Dubois (2003 [1995]).

Em (08), abaixo, temos expressões referenciais que avaliam negativamente os objetos de discurso, mas não são apontados nomes próprios de pessoas, numa designação direta. Na designação de pessoas, o locutor de (08) utiliza-se mais da referência coletiva:

(08) “Campanha é lama, irmão!” Este era o bordão usado por um operador de terceiro escalão do PT de São Paulo quando seu chefe-candidato perguntava se ele e a turma não estariam indo longe demais nas atividades de coleta de evidências potencialmente desastrosas para os adversários. O candidato foi aceitando a justificativa até que a lama estourou mesmo foi no colo dele. O PT nacional agiu de forma bem mais rígida com os companheiros sinceros mas radicais que estavam tentando montar em Brasília um esquema de espionagem de adversários e até de correligionários rivais baseados na ideia de que campanha é lama. Os companheiros mais afoitos foram ao mercado em busca das competências necessárias à execução das missões planejadas. Profissionais para esse tipo de trabalho abundam em Brasília, e eles foram contatados. São policiais, ex-agentes dos serviços de espionagem do governo e detetives particulares especializados em obter provas de adultério ou fazer varreduras ambientais e telefônicas para afastar a possibilidade de grampos (...). (ORDEM na casa do Lago Sul, Revista *Veja*, edição 2167, 02/06/2010).

Neste caso, há um critério que o distingue consideravelmente dos outros casos que vimos analisando: o fato de a designação a pessoas não ser feita por nomes próprios. Expressões referenciais avaliam negativamente os objetos de discurso, mas estes não são identificados no texto a partir do nome próprio, de modo que não podemos ligar diretamente a expressão referencial ao objeto do mundo a qual faz referência (um operador do terceiro escalão do PT de São Paulo, a turma, Profissionais para esse tipo de trabalho, etc.).

Na cadeia textual, o locutor faz referência a vários outros objetos de discurso, numa categorização das ações desenvolvidas pelas pessoas ali também designadas (atividades de coletas de evidências potencialmente desastrosas para os adversários, um esquema de espionagem de adversários e até de correligionários rivais); numa referência coletiva a pessoas envolvidas no evento que trata o texto (policiais, ex-agentes dos serviços de espionagem do governo e detetives particulares especializados em obter provas de adultério ou fazer varreduras ambientais e telefônicas para afastar a possibilidade de grampos); na referência direta a partir do nome próprio, não a uma pessoa em particular, mas a um partido político (O PT nacional). Tudo isso está organizado na cadeia textual supostamente com o fim de ‘informar’ sobre uma possível estratégia de espionagem de adversários utilizada por pessoas ligadas ao *PT nacional* em Brasília.

A avaliação acontece tanto na expressão referencial (um operador de terceiro escalão do PT de São Paulo), como na predicação ([os companheiros mais afoitos] foram ao mercado em busca das competências necessárias à execução das missões planejadas), mas num e noutro caso apenas pelos elementos do cotexto não conseguimos ligar a expressão referencial ao(s) objeto(s) mundano(s) que designa(m), como aconteceria caso o locutor fizesse referência a partir do nome próprio.

Algo semelhante acontece também em (09), abaixo:

(09) (...) O MST, como já mostrou VEJA em diversas reportagens, é comandado por agitadores profissionais que, a pretexto de lutar pela reforma agrária, se valem de uma multidão de desvalidos como massa de manobra para atingir seus objetivos financeiros. Sua arma é o terror contra fazendeiros e, como relata VEJA nesta edição, também contra os próprios assentados que se recusam a cumprir as ordens dos chefões do movimento e a participar de saques e atos de vandalismo (...) (MST: até quando? Revista Veja, Edição 2134, 14/10/09).

Em que temos a designação pelo nome próprio somente para o movimento de que trata o texto, O MST, na predicação surgem outras designações, mas no sentido coletivo: agitadores profissionais, numa referência aos dirigentes do movimento; uma multidão de desvalidos, numa referência a todas as pessoas que não fazem parte do comando do movimento, porém o constituem; os chefões do movimento, numa referência a todos os dirigentes do *MST*. Assim, expressões referenciais de caráter extremamente avaliativo rotulam objetos de discurso, porém, essa rotulação não categoriza um indivíduo em particular, mas uma classe.

Numa síntese do que viemos considerando até aqui, a quais conclusões podemos chegar após analisarmos todos estes textos? Ora, que os objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva (cf.: Mondada & Dubois 2003) já ficou claro quando vimos que em todos os casos analisados os referentes são construídos tendo em vista o sentido do texto, e a instabilidade se apresenta justamente se temos em vista os diferentes contextos dos diferentes textos.

Vimos também que existem diferentes estratégias de evolução referencial, e se atentamos para essas diferentes estratégias e se consideramos o *status* referencial dos objetos de discurso chegamos a considerações

importantes em termos de estratégias de referenciação e construção da argumentação. O fato de afirmar na predicação (que aponta para uma maior circunstancialidade: o que se afirma adquire um caráter mais de informação) é diferente de quando se categoriza numa expressão referencial (que aponta para uma menor circunstancialidade: o que se afirma adquire mais um caráter de verdade) ou por ambas, em casos em que a expressão referencial *homologa* uma informação anteriormente predicada.

Outra consideração interessante está ligada ao estatuto referencial do objeto de discurso: construir referencialmente, e sob um ponto de vista avaliativo, uma pessoa no sentido individual tem implicações e proporções diferenciadas de quando designadas num sentido coletivo e/ou genérico. Assim, a designação por meio de um nome próprio se torna uma estratégia evidente de o locutor dá um maior efeito de objetividade àquilo que enuncia.

Estratégias como avaliar por meio da predicação, a partir da categorização de outros objetos de discurso de certa forma vinculados ao objeto de discurso principal, na referência coletiva e/ou genérica ou até mesmo na rotulação de eventos se tornam alternativas de o locutor afirmar algo, avaliar (negativamente) o objeto de discurso sem um maior comprometimento. Diferentemente, como vimos, de quando afirma, avalia (negativamente) o objeto de discurso a partir de uma expressão referencial, seja numa recategorização desencadeada a partir de informações anteriormente predicadas ou não.

### **Considerações finais**

É preciso acrescentar que muitos aspectos ainda corroboram para nossas conclusões, bem como para as próprias estratégias de referenciação encontradas nos diferentes textos que vimos analisando. Há de se considerar que o simples fato de o nosso *corpus* ser constituído por textos vinculados a gêneros opinativos, nos conduz a estratégias referenciais para introdução de avaliação dos referentes que, acreditamos, não serem comuns em gêneros em que se acredita estarem pautados numa maior objetividade.

Outro aspecto interessante e que merece ser ressaltado está ligado às diferentes estratégias referenciais que encontramos nos textos. Ora, o caso de (05), em que se constroi referencialmente o objeto de discurso *Aloízio Mercadante*, e que, como vimos não se avalia por meio de expressões referenciais, mas somente pela predicação, pode estar ligado ao suporte de veiculação do texto, uma revista, que responde juridicamente como uma instituição de caráter idôneo. Já os casos de (06) e (07), por exemplo, em que se avalia por meio da expressão referencial, homologando informações já predicadas, são textos que circulam em *blogs*. Embora estes estejam vinculados a uma instituição – na verdade, a mesma revista da qual retiramos os outros textos – costumam ser mais incisivos no que afirmam, mais direto e, portanto, mais propício a categorizações avaliativas, acreditamos.

Assim, terminamos o nosso artigo ao mesmo tempo em que percebemos que o conteúdo não se esgota. Mais aspectos podem (e devem) ser examinados para que cheguemos cada vez mais a conclusões teóricas mais precisas acerca dos diferentes processos de referenciação.

## Referências bibliográficas

ALVES FILHO, F. 2010. “Sua casinha é meu palácio”: por uma concepção dialógica de Referenciação. *Linguagem em (Dis)curso* 10(1): 207-226.

APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. 1995. Construcion de la référence et stratégies de designation. In: A. Berrendonner & M. J. Reichler-Béguelin (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphors*. Institute de Linguistique; Université de Neuchâtel. Suisse: (TRANEL), n°23, pp. 227-271.

KOCH, I. G. V. 2008. A produção de inferências e sua contribuição na construção de sentido. In: *As tramas do texto*. São Paulo: Nova Fronteira, pp. 135-140.

MAINGUENEAU, D. 2008 [1998]. Tipos de Designações In: *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, pp. 179-193.

MONDADA & DUBOIS, D. 2003. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: Mônica M. Cavalcante; Bernardete B. Rodrigues; Alena Ciulla (Eds.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, pp. 17-52.

VIEIRA, M. L. 2010. *Construção de objetos de discurso em cadeias textuais: a inter-relação entre expressão referencial e predicação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí: Teresina.